

Entrevista Carlos Alfredo Lazary - "Vemos a Amazônia em tempo real"

»Entrevista | CARLOS ALFREDO LAZARY | DIRETOR EXECUTIVO DA OTCÁ

Para embaixador, reunião dos dias 8 e 9 de agosto confirmará a capacidade, pelos países que têm parcelas da floresta em seus territórios, de preservar a região. Ele destaca a atuação do presidente Lula na reativação do papel político da entidade

“Brasília é a capital da Amazônia”

VINÍCIUS DORIA

Um edifício de fachadas e esquadrias em vidro, no fim da E-13, torna poroso e transparente para as vistas das instalações mais importantes da capital. No terceiro andar, funciona a sede da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA). A organização está prestes a ganhar projeção, por ser um dos protagonistas da Capital da Amazônia. Em 2023, a OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Que é a OTCÁ e por que é um organismo estratégico para a integração dos países que detêm parcelas da Floresta Amazônica?

Essa vai ser a quarta reunião dos presidentes dos Estados-garantes do Tratado de Cooperação Amazônica — a Capital da Amazônia. Toda a nossa trajetória aqui decorre do tratado, que foi um instrumento político e diplomático há mais de uma década de 1970, mais especificamente em 1974, quando o tratado foi assinado. No 2010, opera de forma intermitente, mas, desde 2014, não houve mais condições políticas de reunir os chefes de Estado, principalmente em função da falta de reconhecimento do governo de Nicolás Maduro, na Venezuela, pelo Grupo de Lima (acordo que não governos reconhecidos da América Latina para incluir o de Caracas), em que parte Brasil, Colômbia e França integram a OTCÁ. Decidimos manter a operação no nível técnico, o que nos permitiu apoiar uma série de documentos por unanimidade, como os programas regionais de biodiversidade, de floresta, de mineração de mangá e de gestão integrada de fogos. Também apoiou outros países, inclusive a Venezuela.

A OTCÁ vai ser o organismo gestor dessa integração internacional? Como vai a OTCÁ dessa reunião?

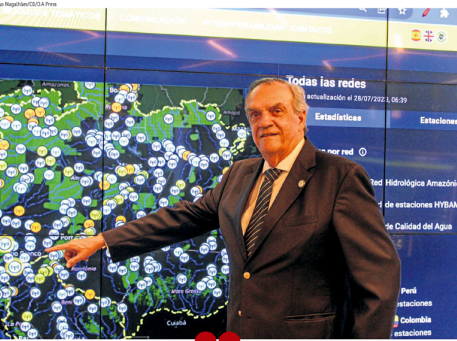
A Capital vai reconhecer a importância da instituição responsável pela dimensão regional do desenvolvimento sustentável da Amazônia, em compasso com o que cada país faz nacionalmente. Temos em conta que a Amazônia é uma coisa só, não adianta o que um país faz individualmente se não se cuidar do regional. Felizmente, houve uma espécie de complicidade dos níveis internacionais, dos oito países, que se juntaram para continuar trabalhando, cuidando do que é estrutural, pois conjuntural é a política. Isso se deu com os ministros setoriais, os líderes de cada país, toda uma camada de gente de nível técnico que vivia a camisa da resiliência.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento



Tudo esse esforço tem um grande objetivo: mostrar que os países amazônicos são capazes de cuidar da Amazônia, que são capazes de trabalhar em conjunto para o desenvolvimento da região”

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.

Como a OTCÁ preparou para substituir os presidentes, em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto? Na declaração conjunta dos chefes de Estado haverá um reconhecimento de todo esse esforço em matéria de projetos e programas. E sinalizando que serão amplificados.

Por exemplo? Um deles recebeu do Fundo Global para o Meio Ambiente (GCF) um dos maiores financiamentos de projetos ambientais do mundo, de 10 milhões. US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 75 milhões) para mapeamento dos aquíferos na Amazônia. Tem a ser uma ideia, e o mapeamento do território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a meta mais alta no subsídio da floresta do que nos tem que ocorrer. E, finalmente, um dos maiores problemas que as populações da Amazônia enfrentam é o acesso à água de qualidade. O aquífero envolve o subsídio de todos os oito países.

Com relação às populações, o que está sendo feito? Há projetos envolvendo povos indígenas isolados mapeamento

recursos hídricos, da rede hidrológica, contra a contaminação das espécies em extinção; há um projeto importante na área de saneamento básico. Tudo isso está em Belém, com o presidente eleito e o ex-presidente da OTCÁ, embaixador Carlos Alfredo Lazary, viajou a Caracas para a primeira reunião sobre desenvolvimento sustentável, emergência climática e desafios socioeconômicos da Amazônia. Segundo o diplomata, o encontro em Belém deixará claro para as nações do continente americano a capacidade de preservação da Amazônia que os países que compõem a OTCÁ são capazes de fazer adiante esse tempo. A seguir, veja os principais trechos da entrevista.

Como vocês sobreviveram a esses tempos turbulentos, marcados por uma profunda divisão ideológica não só no Brasil, mas em vários países do subcontinente? Todos os dias tínhamos que botar aqui um escudo blindando a OTCÁ da instrumentalização ideológica, política e partidária. Essa fase passou? A OTCÁ mostrou que tem resiliência nesse aspecto, ao contrário de outras organizações, como a Brasil, que não resistiu. O Brasil não tem fugido dessa responsabilidade. O Brasil é o maior fornecedor da cooperação Sul-Sul, por meio da Eletrobrás, do Inpe, do Ibama, da Embrapa e outros órgãos. Além de dar toda essa cooperação de graça aos demais países por meio da OTCÁ, o Brasil tem o compromisso e o sentido de necessidade estratégica de incluir 20% dos recursos do Fundo Amazônia para projetos regionais. Nenhuma país faz isso, que é pegar um fundo de US\$ 12 bilhão (cerca de R\$ 6 bilhões), e dizer que um quinto disso pode ser usado em outros países da região. Não há ninguém que faça isso, só quem tem visão estratégica.